

AS MINHAS MULHERES

(Carta de Raul Barba-Azul à Redacção)

Excelentíssimo Senhor:

A opereta *Barba-Azul*, que suscita o riso dos seus leitores e coroa de louros os Srs. Lódi, Tchernov e outros, nada me desperta além de um sentimento de amargura. Não é ressentimento, não, é pena... Lamento sinceramente que a imprensa e a cena, durante as últimas décadas, se tenham vindo a cobrir com o bolor do pecado adâmico, ou seja, a mentira. Não falando da essência da opereta, nem sequer do facto de o autor não ter qualquer direito de se intrometer na minha vida privada e de desvendar os segredos da minha família, venho tão-somente aflorar as minúcias em que o público baseia as suas opiniões sobre mim, Raul Barba-Azul. Tais minúcias, todas elas, conglomeram uma mentira revoltante que, Ex.^{mo} Sr., acho necessário refutar pela via da sua estimada revista, ainda antes de o processo judicial que movi me dar a possibilidade de desmascarar a descarada mentira do autor, bem como a complacência do Sr. Lentóvski para com este vício vergonhoso e o seu encobrimento. Antes de mais, Ex.^{mo} Sr., eu não sou mulherengo nenhum, como o autor se lembrou de me apresentar na sua opereta. Não gosto de mulheres. Preferia nunca privar com elas, mas que culpa tenho eu se *homo sum et humani nihil a me alienum*

*puto**? Além do direito à escolha, também «a lei da necessidade» pesa sobre o homem. Fui obrigado a escolher, das duas, uma: ou entrar na categoria dos valdevinos, tão adorados pelos médicos que colocam os seus anúncios nas primeiras páginas dos jornais, ou contrair matrimônio. Não há meio-termo entre estes dois disparates. Sendo homem prático, optei pelo segundo. Casei-me. Sim, casei-me e, durante toda a minha vida de casado, invejei dia e noite aquele molusco que carrega em si próprio o marido, a mulher e, por conseguinte, a sogra, o sogro... e que não tem necessidade de procurar qualquer trato com mulher. Tem de concordar que nada disto se assemelha sequer a uma filogenia. Depois, o autor narra que envenenei as minhas mulheres logo no dia a seguir ao casamento — *post primam noctem*¹. Para não levantar calúnia tão monstruosa contra mim, bastava ao autor espreitar nos livros de registos ou no meu currículo, mas não o fez e caiu na situação de um puro e simples mentiroso. Envenenei as minhas mulheres, mas não no segundo dia da lua-de-mel, nem *pour le plaisir*², como desejaria o autor, nem de improviso. Deus é testemunha dos tormentos morais, das dúvidas penosas, dos dias e semanas torturantes que vivi antes de resolver administrar a cada uma dessas criaturas pequenas e frágeis a morfina ou os fósforos! Não foi capricho nem apetência carnívora de um cavalheiro mandrião e farto de tudo, nem crueldade, mas todo um complexo de causas e efeitos gritantes que me obrigou a recorrer à amabilidade do meu doutor. Não foi uma opereta, mas uma verdadeira ópera dramática e dilacerante que se desenrolou na minha alma quando, ao passar por um martírio de vida conjugal e, em resultado de longas reflexões pungentes, eu mandei comprar os fósforos na loja. (Que as mulheres me perdoem! Considero o revólver honra demasiada para elas. É convencional matar os ratos e as mulheres com fósforo.) As características, abaixo referidas, de todas as mulheres por mim envenenadas vão mostrar com toda a evidência ao leitor e ao

* Sou homem e nada do que é humano me é estranho. (lat.) A propósito: no liceu, tinha sempre notas máximas em latim.

Ex.^{mo} Sr. até que ponto as razões que me levaram a jogar o último trunfo do bem-estar familiar não eram próprias da opereta. Vou descrever as minhas mulheres pela mesma ordem da minha agenda na qual foram registadas sob a rubrica «Despesas de banhos, cigarros, casamentos e barbearia».

N.º 1. Mulher pequena, de cabelo escuro, longo e encaracolado. Olhos grandes como os de um potro. Esbelta, flexível como uma mola. É bonita. Fiquei comovido com a submissão e a resignação que lhe inundavam os olhos, e também com a sua capacidade de permanecer constantemente calada — talento raro que, numa mulher, aprecio mais do que todos os talentos artísticos! Era uma criatura medíocre, limitada, mas cheia de verdade e sinceridade. Confundia Púchkin com Pugatchov, a Europa com a América, raramente lia, nunca sabia nada, surpreendia-se com tudo, mas, em compensação, durante toda a sua existência, não disse premeditadamente uma única palavra que fosse mentira nem fez qualquer gesto falso: quando era preciso chorar, chorava; quando era preciso rir, ria, sem se importar com o lugar e com o momento. Era natural como um cordeiro estúpido. A força do amor felino tornou-se uma frase feita, mas posso apostar o que quiserem: nenhuma gata amou tanto o seu gato quanto esta mulher minúscula me amava. Durante todo o dia, de manhã à noite, andava atrás de mim e, sem desviar os olhos, olhava-me na cara, como se eu tivesse na testa uma partitura pela qual ela respirava, se movia, falava... Achava perdidos irrecuperavelmente, riscados do livro da vida, os dias e as horas em que os seus grandes olhos não me viam. Olhava para mim em silêncio, admirada, fascinada... De noite, quando eu ressonava, entregando-me à preguiça do sono, ela — se dormia — sonhava comigo, mas, se conseguia dominar o sono, metia-se no canto e rezava. Se eu fosse romancista, faria tudo para saber de que palavras e expressões se compõem as orações que as mulheres, nas horas escuras, enviam ao céu pelos seus maridos amados. O que querem elas e o que pedem? Imagino quanta lógica haverá nestas orações.

Nem no restaurante de Testov, nem no Novo-Moskóvski alguma vez comi as iguarias que os seus dedinhos sabiam preparar. Igualava

a pecado mortal uma sopa demasiado salgada e via num bife passado de mais um golpe assestado aos seus pequenos princípios morais. A suspeita de que eu tinha fome ou estava descontente com um prato era para ela um dos sofrimentos mais insuportáveis... Mas nada a lançava em tão grande desespero como as minhas doenças. Quando eu tossia, ou fingia ter dores de estômago, ela, pálida, toda suores frios na testa, andava para frente e para trás e torcia as mãos... Uma ausência minha, por mais curta que fosse, levava-a a pensar que fora atropelado por um «americano», que caíra de uma ponte no rio, que morrera de apoplexia... E quantos segundos de tormento não se cravavam na sua memória! Quando, depois de uma bebedeira com amigos, eu voltava para casa «tocado da pinga» e, alquebrado, me refastelava no sofá com um romance de Gaboriau, não havia pragas, nem mesmo pontapés, que me livrassem de uma compressa idiota na testa, do cobertor quente e do copo de chá de tília!

Uma mosca dourada delicia-nos e é agradável apenas quando voa à frente dos nossos olhos um ou dois minutos e... depois desaparece, voando para os espaços; mas se a mosca se põe a passear na nossa testa, a fazer-nos cócegas na cara com as patinhas, a enfiar-se no nosso nariz — e tudo isso constante e persistentemente, sem prestar atenção às mãos que a tentam enxotar —, decidimos finalmente caçá-la para, assim, a privarmos da capacidade de incomodar. A minha mulher era precisamente essa mosca. Aquela maneira de me espreitar sem tréguas para os olhos, aquele controlo do meu apetite, aquela constante perseguição às minhas constipações, à tosse, à mais leve enxaqueca, deram cabo de mim. Não aguentei... Além do mais, o seu amor por mim era para ela um sofrimento. O eterno silêncio e a docilidade dos seus olhos falavam do seu desamparo. Envenenei-a...

N.º 2. Mulher de rosto sempre risonho, covinhas nas faces e olhos semicerrados. De corpinho muito lindo, vestindo roupas caríssimas e de muito bom gosto. A minha primeira mulher era tão mansinha e tão caseira quanto esta segunda era irrequieta, barulhenta e mexedica. Um romancista diria dela que era uma mulher feita só de nervos; quanto a mim, não me enganava: via-a como um corpo composto de bicarbonato e ácido em partes iguais. Era um frasco de boa sopa

de repolho ácida quando se lhe tira a rolha. A fisiologia não conhece organismos que tenham pressa de viver, mas a circulação do sangue da minha mulher acelerava-se como um comboio rápido alugado por um americano excêntrico, e atingia as 120 pulsações mesmo a dormir. Não respirava, resfolegava; não bebia, emborcava e engasgava-se. Tinha pressa de respirar, de falar, de amar... A sua vida inteira compunha-se de uma pressurosa perseguição das sensações. Gostava de picles, de mostarda, de pimenta, de homens grandalhões, de chuveiros frios, da valsa louca... Exigia-me um canhoneio permanente, fogos de artifício, duelos, campanhas contra o coitado do Bobèche³... Ao ver-me de roupão, de pantufas e com o cachimbo entre os dentes, perdia as estribeiras e amaldiçoava o dia e a hora em que se casou com o «urso» Raul. Não havia maneira de lhe meter na cabeça que eu já vivera há muito aquilo que agora constituía o sal da sua vida, que agora me assentava melhor uma camisola quentinha do que a valsa. A todos os meus argumentos respondia abanando as mãos e com ataques de histeria. *Volens nolens*⁴, para evitar guinchos e acusações, via-me obrigado a valsar, a dar tiros de canhão, a lutar nos duelos... Essa vida não tardou a cansar-me, e mandei chamar o doutor...

N.º 3. Mulher loira, de olhos azul-claros, alta e esbelta. Na cara, uma expressão de submissão e, ao mesmo tempo, da sua própria dignidade. Olhava sempre sonhadoramente para o céu e, a cada minuto, soltava um suspiro sofredor. Levava uma vida regular, tinha «o seu próprio deus» e não deixava de falar sobre os princípios. Procurava ser implacável em tudo o que estivesse relacionado com estes seus princípios...

— É desonesto — dizia-me — usar a barba quando poderíamos fazer dela uma almofada para um pobre!

«Meu Deus, porque sofre ela tanto? Por que motivo? — perguntava a mim próprio, escutando os suspiros dela. — Oh, essas aflições sociais!»

O homem gosta de enigmas — foi por isso que me apaixonei pela loira. Mas o enigma não tardou a ser desvendado. Um dia, por puro acaso, o diário da loira caiu-me nas mãos e descobri nele a pérola